

## A PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE: O QUE FAZ A PSICOLOGIA?

Julia Damacena Caccia (PIC/UEM), Eliane Domingues (Orientadora), e-mail:  
edomingues@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes/Maringá, PR.

**Ciências Humanas. Psicologia.**

**Palavras-chave:** Indígenas, Universidade, Psicologia.

### Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo conhecer as ações, dificuldades e resultados do trabalho de psicólogos visando a permanência dos estudantes indígenas na universidade. Foram entrevistados seis psicólogos que possuem vínculo ou tiveram vínculo temporário (de trabalho ou pesquisa) com universidades públicas localizadas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. As entrevistas foram realizadas individualmente, pelo Google Meet, seguiram um roteiro previamente estabelecido e foram gravadas e transcritas. Após a transcrição e leitura das entrevistas identificamos os seguintes temas: a presença da temática povos indígenas nos estudos de graduação e pós-graduação em Psicologia; ações desenvolvidas, dificuldades e estratégias encontradas no trabalho do psicólogo com os estudantes indígenas na universidade e recomendações e contribuições da psicologia para a permanência dos estudantes indígenas na universidade. Concluímos que a psicologia possui instrumentos para contribuir com a permanência do estudante indígena na universidade, entretanto é preciso dialogar com outras formas de saber.

### Introdução

Historicamente, a partir dos anos 1980, tornou-se pauta do movimento indígena a importância da educação superior para os povos indígenas e, segundo Paulino (2008), a primeira política com corte étnico-racial no Brasil foi implementada no estado do Paraná em abril de 2001, pela Lei Estadual nº 13.134, de 18 de abril de 2001. Dessa forma, “as [universidades] estaduais do Paraná foram as primeiras instituições de Ensino Superior público a oferecer vagas para indígenas em cursos regulares, seguidas da UEMS” (PAULINO, 2008, p. 30 e 31). Decorrente da Lei nº 13.134/2001, o Paraná foi o primeiro estado a implementar como política o vestibular específico - Vestibular dos Povos Indígenas do Paraná a partir de 2002 (AMARAL, 2010). Posteriormente, ocorreram avanços significativos com a

finalidade de reformular e aumentar a inclusão dos indígenas na educação, dentre elas, a promulgação da Lei Nacional nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Contudo, a atual Lei Federal não põe fim aos desafios da efetiva presença indígena nas universidades, visto que apenas garante o direito formal desses povos ao acesso ao ensino superior (BERGAMASCHI; DOEBBER; BRITO, 2018). Segundo Amaral e Baibich-Faria (2012), apesar da presença dos indígenas na universidade e o conhecimento acadêmico produzido por eles revelarem uma afirmação cultural e políticas dos povos aos quais pertencem, a permanência dos indígenas no espaço universitário tornam-se desafiadores para esses sujeitos. Nesse sentido, levando em consideração o contexto de produção de referências da psicologia na relação com os povos indígenas, em que não se encontram estudos que discutem as ações da psicologia frente às dificuldades enfrentadas pelos indígenas na universidade, e por ser um tema não muito abordado na formação acadêmica de psicologia, essa pesquisa se propôs a conhecer as ações, dificuldades e resultados do trabalho do psicólogo com estudantes indígenas nas universidades, contribuindo para a divulgação das ações e tomando as mesmas como objeto de reflexão e análise, podendo auxiliar no trabalho de outros psicólogos com estudantes universitários indígenas.

## **Materiais e métodos**

### *Participantes*

Participaram da pesquisa seis psicólogos, sendo quatro mulheres e dois homens; com tempo de formação que variava entre dois e vinte e quatro anos no momento da entrevista. As universidades em que os entrevistados exercem ou exerceram suas atividades são universidades públicas, localizadas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. O critério para seleção dos participantes foi ter graduação em psicologia e desenvolver ou ter desenvolvido ações com estudantes indígenas em universidades públicas brasileiras.

### *Procedimentos*

As entrevistas foram gravadas e realizadas individualmente, via plataforma Google Meets, em horários agendados, conforme a disponibilidade de cada participante seguindo um roteiro previamente estabelecido. As entrevistas foram transcritas e após as leituras das transcrições, foram elaboradas as seguintes categorias de análise: a presença da temática povos indígenas nos estudos de graduação e pós-graduação; ações desenvolvidas com os estudantes indígenas na universidade; dificuldades encontradas no trabalho do psicólogo com os estudantes indígenas na universidade; estratégias encontradas no trabalho do psicólogo com os estudantes indígenas; recomendações e contribuições da psicologia para a permanência dos estudantes indígenas na universidade.

## **Resultados e Discussão**

De uma forma geral, percebemos que a inserção da temática povos indígenas nos cursos de graduação em Psicologia parecem ser recentes, visto que os profissionais que se formaram há mais tempo não tiveram ou tiveram pouco contato com a temática. Quanto à atuação dos profissionais, observamos que todos os profissionais que possuem vínculo com a universidade participam da articulação de políticas de permanência e de ações afirmativas estudantis. Além disso, entre as ações desenvolvidas com os estudantes indígenas, a maioria são ou foram atendimentos individuais, seja para orientação acadêmica, profissional ou atendimento psicológico. Entre as dificuldades encontradas no trabalho do psicólogo com os estudantes indígenas, surgiram a insegurança, a construção de uma relação terapêutica que faça sentido para os povos indígenas, os desafios da temporalidade, a compreensão do papel da psicologia por parte dos estudantes indígenas e o vínculo de dependência. Além disso, também emergiram dificuldades referentes à própria estrutura da universidade. Quanto às estratégias encontradas pelos profissionais no trabalho com os estudantes indígenas, identificamos a construção do vínculo na relação do psicólogo com os estudantes indígenas, a clínica peripatética como modo de cuidado para mediar a escuta e a sensibilidade cultural e histórica. Ademais, observamos que a psicologia pode contribuir com a permanência do estudante indígena na universidade por meio da escuta; do acolhimento; da promoção de diálogos e discussões com o corpo técnico e docente; realizando eventos que coloquem os indígenas como protagonistas; além de dialogar com outras disciplinas e áreas.

## Conclusões

A conclusão foi que, *a priori*, temos a impressão de que a Psicologia não dispõe de instrumentos teóricos para trabalhar com os povos indígenas, mas diante da fala dos entrevistados, percebemos que a Psicologia possui ferramentas para contribuir com a permanência do estudante indígena na universidade, entretanto é preciso dialogar com outras formas de saber. Em relação ao trabalho do psicólogo com os estudantes indígenas, destacamos a necessidade do profissional “psi” ocupar o lugar de aprender a ouvir e a conhecer o outro, considerando a sua alteridade. Para mais, percebemos a importância da construção do vínculo na relação do psicólogo com os estudantes indígenas, pois é o vínculo que torna possível o trabalho da escuta. Também entendemos a importância do desenvolvimento de uma sensibilidade cultural e histórica dos psicólogos, visto que é preciso um conhecimento aprofundado do sistema cultural para que a contratransferência seja possível. Além disso, constatamos a necessidade da análise dessa contratransferência para que o profissional trabalhe suas próprias questões acerca de seus preconceitos e reprodução de estereótipos. Diante disso, identificamos que construir um lugar na diferença é relevante para o posicionamento do psicólogo diante da alteridade do estudante indígena, e nesse sentido, construir um lugar suficiente bom pode ser possível por meio do exercício de descentramento e da análise da

contratransferência cultural. Ademais, destacamos a importância de pensar na estrutura das instituições universitárias para a permanência do estudante indígena, pois as relações, as situações cotidianas e o convívio dentro da universidade são reflexos da sociedade, logo, se temos um racismo estrutural na sociedade, a universidade também irá reproduzir o pensamento racista, preconceituoso e discriminatório com os “organismos estranhos”. Dessa forma, entendemos a necessidade de que todos os profissionais que trabalham na instituição reconheçam que estão envolvidos com a permanência do indígena na universidade, e que a presença dos indígenas pode implicar na estrutura da instituição ao ponto de elas serem transformadas por um pensamento crítico e legítimo.

### Agradecimentos

Ao programa PIC/UEM pela oportunidade e à minha orientadora Eliane Domingues pelo apoio e incentivo, contribuindo muito na minha formação profissional e acadêmica.

### Referências

AMARAL, W. R. **As trajetórias dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: sujeitos e pertencimentos**. 2010. 591 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

AMARAL, W. R.; BAIBICH-FARIA, T. M. **A presença dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: trajetórias e pertencimentos**. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 93, n. 235, p. 818-835, Dez. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/F8qWHQJMzZtZL4VRYqq9Dnq/?lang=pt&amp;format=pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

BERGAMASCHI, M. A.; DOEBBER, M. B.; BRITO, P. O. **Estudantes indígenas em universidades brasileiras: um estudo das políticas de acesso e permanência**. Rev. Bras. Estud. Pedagog., Brasília, v. 99, n. 251, p. 37-53, jan. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/dx8gDkg34fWLQw7DvCbjhzy/?lang=pt&amp;format=pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

PAULINO, M. M. **Povos indígenas e ações afirmativas: o caso do Paraná**. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/ufrij\\_dissertacao\\_2008](http://www.redeacaoafirmativa.ceao.ufba.br/uploads/ufrij_dissertacao_2008)>. Acesso em: 29. mar. 2020.